



AS RELAÇÕES HUMANAS COMO ESPECIFICIDADE DA DOCÊNCIA NO COTIDIANO DO BERÇÁRIO: REFLEXÕES E CONSTRUÇÕES DE UMA PROFESSORA

Human relationships as a specificity of teaching in the day-to-day life of a nursery: reflections and constructions of a teacher

Ivoneide dos Reis BRITO

Instituto de Ciências da Educação - ICED
Universidade Federal do Pará
Belém, Brasil

neiderbrito@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0009-0003-7753-9792> 

Solange MOCHIUTTI

Instituto de Ciências da Educação/ICED
Universidade Federal do Pará
Belém, Brasil

Solange.mochiutti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5085-0260> 

Celi da Costa Silva BAHIA

Instituto de Ciências da Educação/ICED
Universidade Federal do Pará
Belém, Brasil

celibahia@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-3104-2647> 

A lista completa com informações dos autores está no final do relato ●

RESUMO

O texto aborda a docência em berçário e contempla o processo de (re)significação da prática docente de uma professora de Berçário em uma creche pública de Belém do Pará que, a partir do percurso formativo dialógico, mobilizou uma atitude investigativa e pedagógica inerente à função docente e a visibilidade do bebê como sujeito histórico e de direitos. Os caminhos investigativos e reflexivos foram impulsionados pelas relações e interações humanas, envolvidas na construção do vínculo estabelecido entre as docentes e os bebês na creche, tendo como objetivo evidenciar as percepções de uma professora sobre a centralidade das relações humanas, enquanto especificidade da docência no Berçário, a partir do processo formativo na perspectiva dialógica Freiriana, reflexões estas, impulsionadas a partir de encontros no Grupo de Estudos e Pesquisa em Criança, Infância e Educação Infantil (IPÊ), oportunizaram ricos debates e reflexões sobre a educação com e para bebês.

PALAVRAS-CHAVE: Docência no berçário. Relações humanas. Experiências formativas.

ABSTRACT

This text deals with teaching in nurseries and contemplates the process of (re)signification of the teaching practice of a nursery school teacher in a public nursery school in Belém do Pará who, based on a dialogic formative path, mobilized an investigative and pedagogical attitude inherent to the teaching function and the visibility of the baby as a historical subject with rights. The investigative and reflective paths were driven by the human relationships and interactions involved in building the bond established between the teachers and the babies in the nursery, with the aim of highlighting a teacher's perceptions of the centrality of human relationships as a specific feature of teaching in the nursery, based on the formative process from the Freirian dialogical perspective, these reflections, were driven by meetings in the Study and Research Group on Children, Childhood and Early Childhood Education (IPÊ) who provided rich opportunities for debates and reflections on education with and for babies.

KEYWORDS: Nursery Teaching. Human Relationships. Formative Experiences.

INTRODUÇÃO

A educação com e para bebês vem ampliando olhares e debates na contemporaneidade, especialmente a respeito da funcionalidade das práticas docentes nessa singular etapa de educação, onde estão imersas nas relações de cuidar e educar no berçário, sendo que, essas experiências são concretizadas e, muitas vezes, guiadas pelas ações do adulto nas interações dos corpos em movimentos, brincadeiras e momentos de alimentação e higiene. Tais aspectos, geram questionamentos e reflexões, quando se olha para as especificidades dessa docência ao estar formando seres humanos que estão em desenvolvimento.

Corroborando com a perspectiva de uma docência responsiva, o movimento de ação e reflexão da prática na docência no berçário, foi iniciado a partir dos encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Criança, Infância e Educação Infantil (IPÊ) do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belém, por meio do projeto de extensão denominado *Formação continuada de professores de berçário: as vozes das professoras na construção de saberes sobre a docência com bebês* nos anos de 2018 a 2020, cujo objetivo era de documentar e ampliar os saberes das professoras sobre o bebê e o processo educativo deles em ambientes coletivos, bem como refletir sobre a docência com e para os bebês.

A base metodológica do projeto de formação está ancorada no conceito de diálogo em Paulo Freire (1997; 2011) e na abordagem colaborativa como estratégia metodológica defendida por Ibiapina (2008). A formação pela via do diálogo foi apresentada como uma possibilidade de formar professores e trouxe para o debate os saberes docentes que vem guiando a prática pedagógica na primeiríssima infância, bem como uma possibilidade de (re)significá-la.

Por isso, as participantes traziam para os encontros seus saberes produzidos na e pela experiência enquanto docentes de bebês, bem como suas reflexões sobre o bebê e a prática docente que compartilhavam cotidianamente com eles. Esse processo ocorria por meio do diálogo freiriano, fato este, que impulsionou-me a repensar criticamente as ações docentes com os bebês na creche.

A partir dos pressupostos elencados, o processo formativo foi desenvolvido com a participação de 12 professoras de berçário da rede pública do município de Belém. Assim, mensalmente, esse coletivo de docentes se reunia no espaço da Universidade Federal do Pará (UFPA) para discutir sobre o bebê e seu processo de aprendizagem e

desenvolvimento, bem como o trabalho docente com e para o bebê. Paralelamente aos diálogos estabelecidos durante os encontros, as participantes foram motivadas a registrar e refletir suas práticas.

Os diálogos e as reflexões do grupo e as trocas com meus pares no cotidiano da creche impulsionaram-me a repensar a minha prática docente, em especial quando me vi, não só diante de relatos e reflexões críticas, mas também de falas, permeadas pela angústia, em função do desgaste físico e emocional, estados de adoecimento para onde essa profissão nos impele.

Assim, comecei a me indagar a respeito dessa docência e, sobretudo, a respeito da forma como eu a exercia, questionando as minhas ações com e para os bebês e interrogando: quem é o bebê? O que é ser docente de bebês? O que caracteriza a docência com bebês? Quais as concepções que permeiam minhas ações?

A articulação entre os diálogos/reflexões e a teoria, estabelecidas no grupo de estudos, ofereceu-me condições para questionar concepções obsoletas e práticas mecanizadas, presentes na docência, me desafiando a desconstruir as relações verticalizadas e mecânicas, as quais inviabilizam o olhar sensível e observador, bem como a apurada percepção das manifestações do bebê.

Sobre essa, dentre outras constatações, Tardos (1992, p. 06) enfatiza que: “experiências de dezenas de anos provam que é possível evitar as mesmas atitudes no trabalho e que a educadora é capaz de se livrar dos gestos rápidos mecânicos e mal aprendidos”. Assim, as minhas aprendizagens foram sendo (re)construídas de forma integrada e colaborativa a partir do movimento coletivo de construção-desconstrução-reconstrução, por meio das experiências, das reflexões, das argumentações do grupo articuladas com o conhecimento teórico.

A respeito do processo de formação dialógica, Paulo Freire (1997, p. 123) caracteriza o diálogo como “[...] uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos”. Tomando como premissa as ideias de Freire (1997), nas quais o diálogo implica troca de saberes e construção de conhecimento, imbriquei-me nesse diálogo e passei a problematizar, questionar, criticar, refletir e submeter-me a novas dimensões formativas, dando consciência dos processos com os quais estava envolvida, sentindo assim a necessidade de mudança.

É nesse contexto de formação dialógica que a metodologia deste trabalho se baseia, apontando para a necessidade de ressaltar a importância da formação continuada, para alcançar novas posturas e novas reflexões para essa docência tão

específica e carregada de sutilezas que se entrelaçam nas vivências coletivas oportunizadas no cotidiano da creche.

Portanto, foi a partir dessas reflexões e do reconhecimento do lugar das relações e interações humanas que ocupam o centro do processo pedagógico na creche, que esta pesquisa objetivou evidenciar as percepções de uma professora sobre a centralidade das relações humanas, enquanto especificidade da docência no cotidiano de uma turma de Berçário I. É, nessa perspectiva, que este artigo assume caráter propositivo, problematizador e questionador na busca de compreender a docência com e para os bebês, por meio da centralidade das relações enquanto especificidade da docência no berçário e a qualidade das relações estabelecidas como condição indispensável para o bebê em seu processo humano de aprendizagem e desenvolvimento integral.

A DOCÊNCIA NO BERÇÁRIO: DAS RELAÇÕES COTIDIANAS ÀS AÇÕES PARTICIPATIVAS E EDUCATIVAS NA CRECHE

“Os percursos exigem mudanças nas trajetórias quando,
ao procurar escutar aquilo que nos dizem os bebês
em suas múltiplas linguagens,
avaliarmos que outras ações são
mais importantes que aquelas planejadas”.
(Barbosa, 2010, p. 11).

Ao longo da história da educação, em especial na creche, são perceptíveis grandes mudanças nas formas de enxergar os bebês, pois já não se encontram mais no lugar de objetos e seres impotentes. Como enfatizado por Barbosa (2010), ao longo desse percurso, as mudanças foram necessárias, especialmente quando, por meio das relações com os bebês, se escuta suas diversas linguagens, que estão para além daquilo que é planejado.

Ao mesmo tempo, o que se espera hoje da docência com e para bebês, é muito mais do que ações pontuais e desumanas; contrariamente a isso, é imperioso reafirmar a importância de conhecimentos sobre como os bebês aprendem e de formações continuadas para o exercício dessa tão singular docência. Para além desses, o principal é a disponibilidade para estar junto aos bebês e assim resgatar “o papel das professoras como profissionais dessa humanização, assegurando, dessa forma, a contribuição da educação contra a barbárie” (Tristão, 2004, p. 4).

Ao me reportar para a atualidade e, especificamente, à docência no berçário, é possível vislumbrar uma série de experiências exitosas, muitas delas, oficialmente

expressas em publicações acadêmicas¹, em sua maioria, vinculadas à Universidades brasileiras e do exterior.

Para Gottlieb (2009), uma das formas como os bebês eram vistos pelos adultos era a de seres incapazes na sociedade. Por isso, eles tinham uma infância centralizada nas ações do adulto sobre o bebê, sendo estes sujeitos eram guiadas/monitoradas somente pelo que o adulto permitia, por meio de ações mecanizadas e voltadas, especificamente, para as noções de higiene corporal, ou seja, ao cuidado a partir da necessidade biológica.

Na contramão disto, Barbosa (2010) evidencia novos olhares para essa docência ao dizer que:

As concepções contemporâneas sobre os bebês, a infância, a aprendizagem e a educação encaminham para a compreensão de um currículo que vislumbre o desenvolvimento integral das crianças nas dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural, compreendendo a criança em sua multiplicidade e indivisibilidade (Barbosa, 2010, p. 05).

Contudo, para pensar essa tão singular docência na atualidade, é importante salientar que esta se caracteriza nas relações e interações humanas, ou seja, uma docência, como ato humano e entre humanos, é essencialmente relacional. Assim, toda essa complexidade que envolve o fazer docente no berçário, evidencia as minúcias desse cotidiano, tendo as relações humanas como estruturantes na prática docente e nas sutilezas do currículo do berçário.

Nesse viés, exercer a docência, junto aos bebês, requer formação e um trabalho pedagógico complexo. Para Santos (2021), muitas vezes, a imagem equivocada que se criou dos profissionais que atuam na Educação Infantil e nomeadamente no berçário ainda é de que:

Ser professor e exercer a docência na Educação Infantil não é mais “fácil” e não dá “menos” trabalho, como aparece no imaginário social brasileiro quando se compara a ação docente nos três segmentos que constituem a Educação Básica. A construção de uma imagem da profissão docente como sendo fácil de ser desempenhada com os bebês mostra-se como “equivocada”, pois o trabalho pedagógico com crianças é intenso, complexo e requer formação específica, conhecimentos plurais e condições de trabalho asseguradas (Santos, 2021, p. 03).

¹Em levantamento no portal (CAPES) em teses e dissertações nos últimos 5 anos (2017 a 2022), utilizando os descritores (creche; bebê), obtive 68 produções na área da educação, dentre estas destaco: 07 relevantes pesquisas que se aproximam da temática deste texto, são elas: (Garcia, 2018; Piva, 2019; Sousa, 2019; Bonfim, 2020; Freitas, 2020; Chaves, 2020; Santos, 2021). As pesquisas evidenciam a prática docente no berçário, as ações dos bebês e as especificidades dessa docência no cotidiano da creche.

Para tanto, se faz necessário mudar posturas e olhares sobre o exercício dessa docência e principalmente sobre as formas de perceber os bebês durante suas expressividades corporais e modos de se comunicar, Silva e Pantoni (2009) pontuam que:

Durante muito tempo, as formas de comunicação dos bebês, marcadas pela expressividade corporal e motora, foram negligenciadas, orientando ações no interior das instituições que reforçavam uma suposta incapacidade relacional dos bebês com o mundo físico e social. Essas concepções, junto com as ideias de creche como “mal necessário” e da família como único espaço adequado para a educação da criança bem pequena, formavam um terreno fértil para práticas que também ajudavam a constituir um bebê pouco ativo. A nova concepção de criança e o olhar para os processos comunicativos e interacionais dos bebês têm emergido dos estudos que revelam a sensibilidade dos bebês às manifestações afetivas e estéticas do seu meio cultural, assim como o compartilhamento da emoção e atenção desde cedo nas relações interpessoais e a capacidade de interagir com o outro por meio dos recursos de que dispõem. Essas ideias romperam com uma concepção da infância como uma fase marcada pela negatividade, pelo vir a ser. O bebê passou a ser compreendido como um sujeito que é agora, inteiro (Silva; Pantoni, 2009, p. 5-6).

Assim, a atual conjuntura da sociedade corrobora para que se visualize os bebês como seres humanos com potencial e que a docente precisa acompanhar, interagir e constatar essas transformações que transbordam nas interações e relações que acompanham a trajetória docente, especificamente com os bebês, que têm formas específicas de se comunicar com o mundo, exigindo muito dessa docência: tranquilidade, sensibilidade, disponibilidade e principalmente atender ao tempo do bebê.

Talvez o tempo seja um importante elemento para a definição da especificidade da educação dos bebês. As crianças pequenas precisam de tempo, de tempos longos para brincar, para comer, para dormir. Tempos que sejam significativos. As crianças pequenas especialmente os bebês, têm a árdua tarefa de compreender e significar o mundo e precisam de tempo para interagir, para observar, para usufruir e para criar (Barbosa, 2010, p. 8-9).

Nesse sentido, Tardos (1992) pontua a importância de respeitar o tempo e ritmo do bebê no cotidiano da creche, como uma possibilidade de este cooperar e participar ativamente nas relações indissociáveis de cuidar e educar em ambientes coletivos. Desse modo, a autora enfatiza que:

Aprendem também a cuidar dos bebês e dos pequenos com o ritmo que convém a eles, que dê tempo e possibilidade de se preparar para a aproximação do adulto e dos diferentes movimentos. Por exemplo, a educadora chama a criança à qual se dirige sempre pelo nome. Espera que o bebê manifeste através de algum sinal que percebeu que está acontecendo. No geral durante esse tempo seus olhares se encontram, a educadora não pega a criança enquanto não percebe através do contato físico com o bebê, que ele espera seu gesto. Cooperar, participar nas diferentes operações significa, no fundo que a criança responde com seus próprios movimentos ao pedido ou aos

gestos que já foram iniciados pela educadora. Mas para fazer isso, o bebê precisa de tempo (Tardos, 1992, p. 7-8).

Com isso, cabe a docente ter essa sensibilidade e disponibilidade para atender ao tempo do bebê, tanto para cooperar quanto para participar daquilo que lhe interessa e que tenha significado para eles, pois, para além das relações que são estabelecidas nesse cotidiano durante as interações, brincadeiras e cuidados, é relevante considerar que essa docência está imbricada também no ato de interpretar as demandas dos bebês.

Desse modo, tanto docentes quanto bebês, durante as relações que estabelecem, interpretam de maneira singular as ações vivenciadas, ou seja, “há interpretações feitas pelo professor, do mesmo modo que para cada ação do professor também há interpretações feitas pelo bebê. A interpretação se dá numa tentativa de compreender e de ser compreendido a partir do encontro com os bebês” (Santos, 2021, p. 12), e é justamente nessa busca de compreender e ser compreendido que essas relações são potencializadas e nutridas no fazer docente.

A docência é essencialmente relacional, como discutido anteriormente, mas a ação pedagógica com bebês não se constitui apenas das relações entre os humanos, ela é também interpretativa. É interpretativa porque enquanto o professor está em relação com o bebê e observa-o em ação, ele procura compreender o que ainda é desconhecido, tomar decisões para atender o que está sendo demandado pelo bebê, confirmar conjecturas elaboradas a partir de cenas visualizadas anteriormente, potencializar as ações dos bebês e nutrir a sua ação pedagógica com elementos que atendam às especificidades do currículo para aquele grupo de crianças (Santos, 2021, p. 10).

A respeito das especificidades desse currículo, Richter e Barbosa (2010, p. 87) dialogam que “os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber”. Com isso, é perceptível o quanto ainda é preciso avançar no que tange os saberes e as práticas no currículo do berçário. Essa dificuldade que adultos têm em compreender os bebês e seus saberes, faz com que estes sejam incompreendidos durante suas ações nos espaços educativos.

REFLEXÕES E CONSTRUÇÃO DE UMA PROFESSORA NO BERÇÁRIO

Ao iniciar a docência em berçário, por anos vivi a angústia de pouco saber o que fazer com os bebês. Meu fazer docente estava atrelado ao cuidado, ainda que eu compreendesse que na Educação Infantil cuidar e educar eram indissociáveis, pouco colocava em prática durante as ações do cotidiano. O olhar centrado em bebês frágeis

e que precisavam de proteção, fazia com que eu não oportunizasse aos bebês vivências significativas e que lhes proporcionasse autonomia e aprendizagens.

Foram os encontros do grupo de estudos e formação continuada, que me permitiram enxergar que minhas práticas eram carentes de posturas éticas e pouco reflexivas. Então, fui desafiada a (des)construir práticas e dar ênfase às novas possibilidades exigidas pelo ambiente da creche, espaço este, dinâmico, rico em interações e aprendizagens.

Diante desse cenário, ao refletir minhas ações junto aos bebês, senti nascer um olhar profundo voltado para minha prática, pois, já não mais enxergava os bebês da mesma forma de antes. Agora, percebia-os em sua inteireza e os observava como humanos em desenvolvimento, que precisavam sim de cuidado, mas que poderiam, junto comigo, experimentar possibilidades a partir das relações de cuidar e educar.

É dessa maneira que Santos (2021) contribui ao caracterizar essa docência, ao afirmar que:

A docência exercida pelas professoras com os bebês caracteriza-se como interpretativa-relacional. Professoras e bebês tecem relações enquanto experienciam processos pedagógicos, aprendem, ensinam e se desenvolvem. É nesse contexto relacional que ambos necessitam interpretar as ações uns dos outros para que cada um seja compreendido e haja comunicação, interação e empatia. A professora precisa interpretar o que significa cada olhar, balbucio, gesto, riso, choro, expressão (corporal, facial...) dos bebês para atender suas demandas fisiológicas, afetivas, motoras, cognitivas e sociais (Santos, 2021, p. 16).

Consequentemente, eu, enquanto docente precisei me reinventar e me atualizar também nesse cenário, então, comecei a mudar a forma de olhar para os bebês, já os enxergava como seres humanos potentes, me permiti estar quando necessário e, em outras vezes, somente observar as ações e não mais interromper, ou seja, passei a exercer minha docência como propõe Santos (2021), de forma interpretativa e relacional, tendo empatia e buscando compreender as demandas dos bebês.

Nesse viés, Guimarães (2008, p. 41) contribui para essa reflexão, ao evidenciar “[...] não só da ação dos adultos sobre as crianças, como também a promoção de uma cultura de si, atenção ao outro, prática de liberdade”, visto que, na maioria das vezes, essas ações sobrepõem às dos bebês, onde o que prevalece é o fazer docente pontual e sem sentido para eles.

Barbosa (2013) convida a refletir ao dizer que:

As ações das crianças são reguladas por tempos fixos — fragmentados, sequenciais, lineares — estabelecidos pelos adultos, sem encadeamentos: nem intelectual, nem corpóreo, isto é, sem sentido pessoal. São ações que se iniciam,

Assim, é notável perceber a complexidade de ser docente de bebês, a qual exige comprometimento e responsabilidade em estar nesse encontro no berçário. Refletir e (re)construir práticas “contribui na concepção de educação como encontro da criança com o adulto, num sentido de diálogo, abertura e experiência compartilhada” (Guimarães, 2011, p. 48), e foi exatamente nesse encontro que fui me construindo, humanizando e contribuindo para a formação de tantos outros humanos na busca por garantir seus direitos enquanto seres históricos, ativos e sociais.

A seguir, apresento alguns relatos que reafirmam essa minha construção docente nas sutilezas e minúcias do cotidiano durante as interações, brincadeiras, cuidados, alimentação, dentre outras experiências no berçário I. Tais ações são inerentes ao fazer docente, porém, ainda pouco visibilizadas no ato educativo e na formação humana dos bebês como sujeitos de direitos.

O DIREITO DE ESCOLHER ONDE QUER ESTAR

Nos espaços educativos, o cotidiano é tão dinâmico e com muitas demandas que, às vezes, as minúcias passam despercebidas, contudo, ao longo desse meu processo formativo, para além de refletir a respeito de minhas ações para com os bebês, comecei a observá-los com olhar investigativo e interpretativo sobre a percepção de seus saberes e desejos, me colocando disponível para estar com eles quando necessário ou quando convidada a participar de suas ações.

Os bebês são ativos e a todo momento estão fazendo algo, investigando ou propondo seus desejos. Isto se intensifica quando se observa e se interage com os bebês a partir de 6 meses na creche. As inúmeras sensações e interações são possíveis ao estar com eles, para isso, se faz necessário disponibilizar tempo e espaço para que essas interações tenham significados.

Como exemplo:

[...] O bebê Christian, ao me olhar, apontou para a porta, em seguida se dirigiu até ela que estava fechada, fez gestos puxando a porta. Olhei para ele e oralizei: - oi Christian, você quer ir lá fora passear? Ele respondeu com gestos de puxar a porta e assim eu abri a porta. Ainda em processo de engatinhar, saiu engatinhando pelo corredor da unidade, olhava para trás, sorria demonstrando alegria e me solicitando para eu o acompanhar no passeio (Relato da Docente).

Diante desse relato, no qual o bebê direciona o olhar para mim e aponta para a porta, me orientando com a sua linguagem silenciosa que me dizia, para dirigir-me até

a porta e imediatamente a abrir, percebo a importância daquela ação. Assim, se potencializa a ação do bebê, onde ele é compreendido em um diálogo longo e recheado de gestos, sorrisos e olhares, se faz entender e ser compreendido nessa relação. Isso dá oportunidade para esse bebê permanecer nessa tentativa de oralizar seus desejos por meio do balbucio e oportunizar o desenvolvimento da oralidade, dando segurança para ele, por meio dos diferentes tipos de linguagens, uma vez que os bebês ainda não adquiriram a linguagem oral. Assim,

[...] o bebê, apesar de não ter o aparato biológico para falar amadurecido, comunica-se com os adultos de forma intensa. É uma comunicação sem palavras, singular, em que o choro, o riso e o balbucio servem como meio de contato social, de comunicação difusa com outras pessoas. Assim sendo, as profissionais que trabalham com bebês nas instituições de educação infantil devem alfabetizar-se nas diferentes linguagens das crianças pequenas, buscando entendê-las e, de certo modo, ouvi-las (Tristão, 2004, p. 115- 116).

Assim, são inúmeras as formas de comunicação que há nessa relação entre docente e bebê, no entanto, ela só se realiza de fato quando o olhar da docente foca nas ações do bebê de forma sensível e atenta para perceber as sutilezas e as aprendizagens existentes em cada gesto, balbucio, choro, sorriso, toque e nas formas de brincar e interagir, sendo que a partir dessas linguagens, ele expõe seus saberes e vontades.

O DIREITO DE SER OUVIDO E DE ANUNCIAR

Também passei a perceber o quanto é importante nessa relação a voz da docente, o balbucio dos bebês, o olhar nos olhos, o abraço, o diálogo nos momentos da alimentação, do banho e do ato de vesti-los, todas essas ações vêm acompanhadas do processo educativo numa relação que exige muito: tanto da docente quanto do bebê, pois se um não estiver na mesma sintonia que o outro não se efetiva o objetivo da ação.

A exemplo disso:

[...] Estava na sala com 5 bebês, interagindo e brincando, quando de repente Murilo se distanciou e ficou balbuciando e olhando para a parede ao fundo da sala, com gestos e balbucios chamava atenção para mostrar algo. Então, ao perceber a ação de Murilo me dirigi até ele, sentei-me ao seu lado e oralizei "o que foi Murilo?" Ele então apontou para a parede e lá estava uma aranha bem pequena, quase não era possível enxergar, mas ele a percebeu e quis compartilhar seu achado e lá iniciamos um longo diálogo, a respeito da aranha, eu fazia gestos dela subindo pela parede e também cantei a música da dona aranha que costumávamos cantar nos momentos de musicalização e ele animado sorria, balbuciava e gesticulava, balançando o corpo durante a interação (Relato da Docente).

A partir desse relato, enfatizo a importância de estar atento e disponível aos pequenos gestos e ações dos bebês, para poder perceber as sutilezas que estão presentes no espaço coletivo da creche, ressaltando o quanto exige um olhar sensível da docência com e para os bebês. Vale pontuar que, ser sensível no berçário, vai além de ser atenciosa aos cuidados corporais; é imprescindível fazer desses momentos atos educativos e ricos em aprendizagens para os bebês, que têm seus corpos como primeiro objeto de aprendizagem e buscar entendê-los a partir das suas tantas linguagens é essencial, sendo a musicalização um importante recurso para promover interação e manifestações culturais, corporais e sociais. Logo,

Nesses momentos de encontro, a professora pode promover o relacionamento e a interação das crianças com diferentes materialidades e com manifestações culturais, como a música, trazendo canções que ela mesma canta, CDs, caixas com instrumentos musicais, propor aos bebês acompanhar a música com o balanço do corpo (Barbosa, 2010, p. 11).

Castelli e Mota (2013) pontuam que os docentes necessitam estar junto com eles nas experiências tornando-as mais ricas e com significado para a constituição humana, pois é justamente nesses momentos de expressão e interação que se vivencia a docência e se reconhecem as inúmeras formas de comunicação dos bebês.

Ao reconhecer todas as variadas e complexas formas de os bebês interagirem, expressarem-se, criarem, enfim, de sobreviverem em sociedade, entendê-los como sujeitos socioculturais, ativos, criativos, com potencialidades e capacidades, salientamos que precisamos sempre interagir com os bebês em muitas linguagens, para junto com eles, descobrir o que sentem e querem, e assim, poder vivenciar experiências ainda mais ricas, mais significativas na constituição humana de cada um (Castelli; Mota, 2013, p.13).

Como proposto por Castelli e Mota (2013), as minhas experiências na docência, junto aos bebês, se tornaram ricas e significativas, tanto para minha prática quanto para os bebês, seja pelo atendimento aos seus desejos, seja pela busca por compreendê-los em parceria para novas descobertas.

Desse modo, minhas experiências no berçário I revelam algumas das inúmeras possibilidades para o fazer docente, convivendo, pulando, conversando, dançando, brincando, imaginando, escutando-os e aprendendo por meio do raciocínio preciso, ágil e fantasioso dos bebês. Partindo dessa amplitude vejo a prática docente com bebês, como uma prática intencional estreitamente alinhada entre a teoria e a prática, dando sentido às ações no espaço para potencializar as aprendizagens.

Com relação a estes aspectos, Delgado, Barbosa e Richter (2019) afirmam que:

Se as práticas informam as teorias, são as teorias que orientam as práticas. Há aí, para Charlot (1996), uma fecunda circularidade que nega a oposição entre uma e outra, pois não há prática de um lado e teoria de outro, já que entre ambas há idas e vindas e o que efetivamente importa é o prazer da experiência de pensamento que surge desse movimento (Delgado; Barbosa; Richter, 2019, p.276).

Vale ressaltar que essa compreensão foi evidenciada com a continuidade do meu processo formativo e reflexivo, causando a ruptura do entendimento historicamente construído do cuidar dos bebês, mas que ganhou outros alcances, quando passei a compreender o sentido da minha prática, orientada a partir da teoria, tendo sensibilidade e intencionalidade educativa nesse movimento contínuo de idas e vindas.

O DIREITO DE SER AUTÔNOMO

Durante as várias vivências, elenco outra situação significativa para a autonomia e inerente ao ser humano que é a alimentação. Esse é um momento de muitas trocas e de comunicação entre docentes e bebês que pode revelar muitas aprendizagens, gostos e conquistas, visto que todas essas experiências, engrenadas por linguagens não-verbais por se tratar de bebês que ainda estão desenvolvendo a linguagem oral, mas que recorrem a outros modos de se comunicarem. Como é possível perceber no excerto a seguir:

Estávamos no refeitório, eu, estava alimentando Ana Cecília, então, ela olhava para a colher e puxava segurando-a, então, disponibilizei uma outra colher para ela, aí ela começou a rejeitar a minha ajuda e começou a levar a colher a sua boca, fazia um enorme esforço, derramava, tocava na comida, sentia a textura e me olhava, demonstrando seu desejo e capacidade de comer sozinha, eu dialogava “você quer me mostrar que já consegue comer sozinha” e incentivava a ação da bebê, que ao me olhar sorria e realizava sua ação (Relato da Docente).

Essa ação de Ana Cecília, revela sua capacidade, seu pensamento e sua autonomia que ao me olhar e com seus gestos revelava “eu consigo”, apenas com trocas de gestos, sorrisos e olhares. Vale ressaltar que essas ações, antes passavam por mim despercebidas e muitas eram interrompidas, pela minha falta de sensibilidade ou até mesmo pelo meu olhar centrado em cumprir aquela ação, que era alimentar o bebê.

Na maioria das vezes, o trabalho na creche se organiza sob a ótica e necessidades do adulto e não dos bebês, as relações são verticalizadas e mecânicas, sem haver lugar para o olhar observador, para o toque, nem tampouco para dar sentido às manifestações do bebê. Especialmente, nos momentos de alimentação que pode ser um momento de grandes conquistas da autonomia e coordenação motora.

Como propõe Barbosa (2010), ao enfatizar que:

Aprender a alimentar-se é uma importante aprendizagem para a primeira infância, pois envolve aspectos sociais (cuidado pessoal, auto-organização, saúde, bem-estar), motores (manuseio de talheres, movimento da boca, ingestão) e fonoarticulatório. Nessa situação, podemos novamente compreender a inseparabilidade das ações de educação e cuidado (Barbosa, 2010, p.13).

É a partir dessas significativas e indissociáveis ações de cuidar e educar bebês, que as sutilezas e especificidades humanas vão se constituindo nas mais sutis relações nesse cotidiano. Porém, para que essas ricas interações aconteçam é necessário compreender e interpretar as linguagens que emergem nessa relação, dessa maneira, Coutinho (2017) propõe a perspectiva interpretativa para a compreensão das ações dos bebês, afirmando que:

Quando tomamos a perspectiva interpretativa como referência para discutir a ação das crianças, encontramos elementos importantes para problematizar que mais do que atribuir às crianças pequenas o lugar da falta, da ausência de competências para se comunicar e estabelecer relações sociais, cabe situar os modos como os adultos se apropriam dos processos engendrados pelas crianças. Isso porque mais do que utilizar formas de comunicação convencionalmente utilizadas na sociedade, como a fala e a escrita, as crianças utilizam múltiplas formas de comunicação, lançando mão de modo recorrente dos gestos, olhares, movimentos, ou seja, do corpo (Coutinho, 2017, p. 39).

Para tanto, compreendo que o vínculo entre bebê e o mundo parte de uma contínua criação de possibilidades de conhecimentos, tudo isso acontece, como diz Deheinzeln (2016), sem deixarmos de alimentá-los, cuidarmos, permitindo experiências que favoreçam a descoberta, a criação e a imaginação. De modo que, docentes e bebês poderão por meio das relações e interpretações conhecer e exercer seus afetos e aprendizagens de forma cooperativa e com intencionalidades, ressaltando a importância da sensibilidade nessa relação para perceber o outro, respeitando o espaço que cada um ocupa nesse ambiente coletivo.

O DIREITO DE COOPERAR

Outro momento que pode revelar a cooperação e ricas aprendizagens dos bebês é o banho, que começa na sala quando eu convido, quem quer tomar banho?

[...] Imediatamente, Murilo vai tentar pegar sua mochila, começa a movimentar seu corpo e tentará tirar suas vestes, afirmando que quer ir tomar banho e ao chegar no banheiro pede o sabonete, estendendo as mãos, mostrando que compreende o sentido daquela ação. Começa a passar o sabonete em seu corpo e eu ia dialogando com ele: - vamos lavar o cabelo, agora as pernas, o bumbum. Murilo olhava para mim, atento e disponível para realizar as ações e eu o auxiliava. Depois do banho, no momento de vestir-se, levantava seus braços e pernas, cooperando comigo nessa interação (Relato da Docente).

Esse relato enfatiza as descobertas do corpo e as curiosidades dos bebês em pequenas ações, porém, ricas em aprendizagens e conhecimentos tanto para o bebê quanto para a docente. A partir disto, Fochi (2021) mostra a necessidade de que, ao observar as ações dos bebês, é preciso nomear e interpretar em sua inteireza, como sujeitos com iniciativas, interesses e sentimentos próprios, questões estas que sobressaem nessa relação docente e bebê na creche, neste viés, o autor convida a:

[...] aprender a observar, nomear e narrar as atuações das crianças, é uma forma de restituir os processos de aprendizagem e de devolver às crianças não apenas o que aprenderam, mas como aprenderam. Ao mesmo tempo, acompanhar estas narrativas que tornam visíveis as aprendizagens, nos permite também monitorar e acompanhar a oferta educativa e as condições para aprender que estamos oferecendo para as crianças (Fochi, 2021, p. 116).

Foi, portanto, a partir dessas inúmeras ações que me reinventei enquanto docente que atua nesse espaço, compreendendo que a Educação Infantil, especificamente, a docência com bebês não é uma fase de preparação para vida adulta, e sim, uma fase de descobertas, interações e vivências significativas que influenciam na vida adulta e na formação pessoal.

Nesse cenário, eu, enquanto docente, me ressignifiquei, mergulhando neste contexto dinâmico de interações múltiplas, buscando compreender e ser compreendida durante as interações. A partir do contato com os bebês, dessa troca de olhares e vozes, ainda que em forma de balbúcio, do afeto, do respeito e da cooperação, surgiram as sutilezas do saber de quem sou e de quem é o outro, ou seja, passei a compreender a minha importância e a importância do bebê no ambiente coletivo da creche.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão que eu tinha quando iniciei nessa trajetória docente, era traduzida por um olhar de dar conta da rotina apressada, de querer todos organizados, de cumprir com o planejamento, fato este que me cansava e afetava diretamente a relação com os bebês, pois essa falta de compreensão que eu tinha, fazia com que os bebês se revelassem, muitas vezes, ao meu olhar como desobedientes e me frustrava enquanto docente que não dava conta da turma.

Assim, reconheço a centralidade das relações, na qual a ênfase dada nesse aspecto, era a percepção de uma profissional que somava esforços para aproximar os bebês dentro de um padrão com ações preventivas e dominantes, sem valorizar as

trajetórias de seres humanos complexos, que são os bebês e as crianças bem pequenas, ou seja, não valorizava os detalhes.

As inquietações aqui relatadas, sobre que docente eu estava sendo e a constatação de que eu estava exercendo minha prática, de forma automatizada e permeada de uma rotina apressada, só foi compreendida com esse novo olhar reflexivo. Quando pude refletir a partir da formação dialógica, compreendi que eles nos ensinam a estar presentes, a gerar novos modos de olhar para compreender, a expressar o afeto e sensibilidade, pois a qualidade desse afeto vai mobilizar as ações e as relações nesse ambiente coletivo e principalmente para além de enxergar quem são os bebês, é enxergar a docente que sou e o que estou fazendo com estes bebês?

Ou seja, (re)significar é interrogar a prática e reconstruí-la, na busca de mudanças, pois não basta proporcionar aos bebês qualquer prática, e sim se reinventar diariamente nesse contexto dinâmico de interações múltiplas, com organização de um espaço que possibilite liberdade de movimentos, com posturas tranquilas e seguras para que aconteça a aprendizagem por meio das diversas possibilidades que surgem durante as vivências nesse espaço coletivo.

Esse olhar diferenciado para os bebês e para minha prática, se intensificou e teve maior sentido, a partir das reflexões no grupo de estudo da docência com bebês na UFPA, que me motivou a refletir sobre minha prática docente em tempo atual, associada aos estudos e as aprendizagens que a formação dialógica me proporcionou, fazendo-me repensar e aprender novas posturas, remetendo-me a uma relação de respeito e às novas possibilidades de sair menos atormentada por dúvidas e incertezas sobre meu ofício.

Nesse viés, é de fundamental importância a formação continuada, para potencializar e fundamentar a prática docente com e para bebês, qualificando as relações, mudando práticas rotineiras, práticas estas que impedem de estar presentes nas pequenas ações dos bebês que resultam em grandes descobertas e aprendizagens.

Portanto, foi a partir dessas reflexões, que as mudanças aconteceram na minha prática, estas ocorreram a partir do entendimento que os bebês nesse espaço são seres ativos e sociais, que não se encaixam na metáfora da inocência e do ser vazio e indefeso e, principalmente, não se enquadram às regras e sim escolhem formas de viver a partir da experiência de estar no mundo, onde o bebê constrói laços e personalidades para o resto da vida. Nesse contexto, ocorre a importância da docente ser, não somente aquela que proporciona, mas a que está e se faz presente quando necessário nessas interações,

pois foi assim que, a partir de estudos e reflexões, me vi nessas relações humanas e de equidade entre docente e bebês no ambiente da creche.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Perspectivas atuais. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO – ESPECIFICIDADES DA AÇÃO PEDAGÓGICA COM OS BEBÊS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 31, n. 61, p. 213-222, nov. 2013. DOI: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2013v31n61p213-222>. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/185>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BONFIM, Patrícia Vieira. **Na profusão de gestos, os corpos falam de modos de ser e de se relacionar na creche**. 2020. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2020.

CASTELLI, Carolina Machado; MOTA, Maria Renata Alonso. A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas. **Zero-a-Seis**, São Carlos, v. 15, n. 28, p. 46-65, jul./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2013n28p46>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2013n28p46>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CHAVES, Edlane de Freitas. **A formação em contexto de professoras dos bebês e das crianças bem pequenas**: análise de um processo formativo na creche. 2020. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

COUTINHO, Angela Scalabrin. A experiência de ser bebê na creche: o ator social e a constituição da docência. **Revista Humanidades e inovações**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 37-45, maio 2017.

DELGADO, Ana Cristina Cool; BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Singularidades da docência na creche: interlocução com pesquisas no Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, [S.l.], v.6, n.15, p. 271-286, nov. 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1360>. Acesso em: 30 jun. 2017.

DEHEINZELIN, Monique. **Uma experiência em educação infantil**: a fome com a vontade de comer. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

FOCHI, Paulo Sergio. A curiosidade, a intenção e a mão: o ethos lúdico do bebê. **Revista Humanidades e Inovação**, [S.l.], v. 8, n. 68, p. 111-118, dez. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/7032-Texto%20do%20artigo-23673-1-10-20220512.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Nathalia Ferraz. **A teoria do apego na creche**: um olhar para o papel dos vínculos no desenvolvimento de bebês e crianças pequenas. 2020. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2020.

GARCIA, Andrea Costa. **Bebês e suas professoras no berçário**: estudo de interações à luz de pedagogias participativas. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

GOTTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores). **Revista Psicologia-USP**, São Paulo, v. 20, n.3, p. 313-336, jul./set. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/r938Knnp9QqKsvqgR8Hpc6H/>. Acesso em: 30 jun. 2017.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro**: técnicas corporais, responsividade, cuidado. 2008. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre bebês e adultos na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber, 2008.

PIVA, Luciane Frosi. **Transições cotidianas nos modos de ser e de viver dos bebês e crianças bem pequenas na creche**. 2019. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010. DOI: <https://doi.org/10.5902/198464441605>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/1605>. Acesso em: 30 jun. 2017.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. Professoras e bebês: uma docência interpretativa-relacional. **Eccos-Revista Científica**, São Paulo, n. 58, p. 1-19, e13507, jul./set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n58.13507>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/13507>. Acesso em: 24 out. 2023.

SILVA, Ana Paula Soares da; PANTONI, Rosa Virgínia. Apresentação da série Educação de crianças em creches. **Educação de Crianças em Creche**-Salto para o Futuro, [S.l.], n.15, p. 5-16, out.2009. Disponível em:

https://www.yumpu.com/pt/document/view/12864637/educacao-de-criancas-em-crechessalto-para-o-futuro-tv-brasil#google_vignette. Acesso em: 24 nov. 2023.

SOUSA, Elaine Tayse de. **As interações dos bebês na creche**: o que eles fazem e dizem? 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

TARDOS, Anna. **A mão da educadora**. Tradução de Sheilla André. Revista Infância, n.11. Budapest: Instituto Emmi Pikler, 1992.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. **Zero a Seis**, São Carlos, v.6, n.9, p. 1-14, jan./jun. 2004. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/9360>. Acesso em: 24 nov. 2023.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês**: um estudo de caso em uma creche conveniada. 2004. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

AS RELAÇÕES HUMANAS COMO ESPECIFICIDADE DA DOCÊNCIA NO COTIDIANO DO BERÇÁRIO: REFLEXÕES E CONSTRUÇÕES DE UMA PROFESSORA

Human relationships as a specificity of teaching in the day-to-day life of a nursery: Reflections and constructions of a teacher

Ivoneide dos Reis Brito

Mestra em Currículo e Gestão da Escola Básica
Universidade Federal do Pará
Educação/ICED
Belém, Brasil

neiderbrito@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0009-0003-7753-9792>

Solange Mochiutti

Mestra em Educação
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação/ICED
Belém, Brasil

Solange.mochiutti@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5085-0260>

Celi da Costa Silva Bahia

Doutora em Teoria e pesquisa do comportamento humano
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação/ICED
Belém, Brasil

celibahia@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-3104-2647>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rodovia Mário Covas, 200, 67113-330, Belém, PA, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Ao grupo de Estudos e Pesquisas em Criança, Infância e Educação Infantil - IPÊ, do Instituto de Ciências da Educação-ICED- UFPA/Belém, por meio do projeto de extensão denominado "Formação continuada de professores de berçário: as vozes das professoras na construção de saberes sobre a docência com bebês" nos anos de 2018 a 2020, por propiciar momentos ricos de diálogos e reflexões sobre a docência em berçários.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: I. R. Brito, S. Mochiutti, C. C. S. Bahia

Coleta de dados: I. R. Brito, S. Mochiutti, C. C. S. Bahia

Análise de dados: I. R. Brito, S. Mochiutti, C. C. S. Bahia

Discussão dos resultados: I. R. Brito, S. Mochiutti, C. C. S. Bahia

Revisão e aprovação: I. R. Brito, S. Mochiutti, C. C. S. Bahia

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão; Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 14-03-2024 – Aprovado em: 12-06-2024